

O caminhão

JOÃO MELLÃO NETO

Conta-se, lá pelas bandas de São Manuel, que, certo dia, o time da fazenda foi convidado para jogar na cidade. Motivo de glória e orgulho para todos. O administrador, seu Joaquim, logo decidiu: "Não podemos fazer feio! Vamos lavar o jogo de camisas, lustrar as chuteiras e consertar o caminhão para chegar por lá bacanas!"



Tudo corria bem, a não ser o velho caminhão, que foi recauchutado, retificado e polido para o dia do jogo. Na hora combinada, todos montaram na carroceria... e foi um transtorno. Na subida, todos tinham de descer para empurrar, pois o velho Fordinho fervia. Na descida, todos apeavam para segurar o "pos-sante", porque ele não tinha freios... Chegaram à cidade todos sujos, empoeirados, exaustos. Foi aquela vaia. Até que um dos peões, criando coragem, interpelou o "técnico": "Ô, seu Joaquim. Vim aqui, tudo bem. Arrumá as roupa, também. Mas carecia trazê o caminhão?..."

O Brasil dos anos 90 está como o time da fazenda. O pessoal joga bem, tem uniforme e chuteira, mas existe o diabo do caminhão chamado Estado, que, se foi útil no passado, hoje atrapalha tudo.

Até 1984, a estagnação econômica que vivemos ainda tinha justificativa, uma vez que o mundo inteiro padecia de processo semelhante. A partir daí, com a retomada do crescimento mundial, só podemos atribuir o nosso subdesenvolvimento a um imenso esforço próprio...

A volta do poder às mãos dos políticos, em substituição aos tecnoburocratas, só serviu para agravar o nosso quadro de descompasso com o resto do mundo. A classe política voltou à tona como se nada tivesse aprendido nos 20 anos anteriores. Os discursos ainda eram os mesmos do período pré-1964. Populismo, fisiologia, patriotagem nacionalista e uma curiosa ideologia nova a nortear os nossos rumos: o "ibopismo".

Trata-se de uma fusão da velha demagogia com os novos instru-

mentos das pesquisas de opinião. Nunca mais tivemos um projeto nacional. Como ocorre nas novelas de TV, o enredo do País passou a ser ditado exclusivamente pela opinião pública, cujos humores vêm sendo aferidos com muito zelo e frequência. Soluções só se tornam viáveis desde que tragam prestígio e popularidade imediata aos governantes. Junte-se a isso a vocação experimentalista dos economistas acadêmicos, some-se a tudo um Estado obsoleto e temos um retrato de nossa atual tragédia.

Ocorre que, apesar do desalento, o Brasil ainda não acabou. Pesquisa recente demonstra que mais de dois terços do povo acredita que este país "tem jeito". E tem mesmo! Às vezes esquecemos que Deus é, de fato, brasileiro. Basta darmos uma passada de olhos no restante das nações e poderemos constatar que, apesar de nossas mazelas, ainda somos uma nação abençoada. Há nações que estão para sempre inviabilizadas por questões geográficas: não têm saída para o mar, o que estrangula as suas economias. Não é, seguramente, o nosso caso. Outras enfrentam adversidades naturais: são flageladas por terremotos, vulcões, furacões, desertos e nevascas. Não temos nada disso. Há países, por fim, que convivem com conflitos de natureza étnica, política, racial ou ideológica, que acabam por levar o seu povo a intermináveis guerras civis. Pois não há, no Brasil, nenhum motivo forte o suficiente para tanto. Some-se a isso a vastidão territorial, os abundantes recursos naturais e a existência do mais completo parque industrial da América Latina e percebemos que não temos motivos para nos lastimar, a não ser pelo fato de que grande parte de nossas elites políticas ainda não se deu conta da nova ordem mundial. Temos de mudar nossa mentalidade, fechar os ouvidos aos discursos salvacionistas e caminhar, amadurecidos, rumo a um futuro realista e, sem dúvida, alvissareiro.

Não desanimemos. Não há nada, no lado ruim do Brasil, que o lado bom não possa resolver por si próprio.

■ João Mellão Neto, jornalista, deputado federal (PL-SP), secretário municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, foi ministro do Trabalho e da Administração